

3

DC - PERBORNOS - FUMC
Class: 200/3
Recebido: 30-5-80

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA E HISTÓRICA

Responsável

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Departamento de História da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas

ANO XI — Nº 97

OUT./DEZ./1979

COMENTÁRIOS

BICENTENÁRIO DE SAINT-HILAIRE

Odilon Nogueira de Matos

O dia 4 de outubro p. passado assinalou o transcurso do bicentenário do nascimento de Auguste de Saint-Hilaire, de quem se poderá dizer ter sido o maior de quantos viajantes estrangeiros nos visitaram no século passado, se não pela sua obra científica — pois sob este aspecto outros o superaram — mas pelo que nos parece mais importante, ou seja pela sua extraordinária capacidade, que demonstrou de sobra, de compreender e sentir o país visitado. Isto faz com que os relatos de viagem que nos legou constituam fontes imprescindíveis para o conhecimento de nossa terra na época em que a percorreu. Nascido em Orléans em 1779, na mesma cidade faleceu em 1853. Destinado inicialmente à carreira comercial, acabou se interessando pelas ciências naturais, particularmente pela botânica, e foi a esta área científica que vinculou seu nome, sobretudo pelos estudos referentes à flora de nosso país. Após viajar seis anos pelo Brasil, regressou à França e consagrou o resto de sua vida ao estudo do formidável material recolhido e à elaboração de suas memórias científicas e dos relatos de suas viagens. Membro correspondente da Academia das Ciências desde 1819, tor-

nou-se titular em 1830 com a morte de Lamarck. Lecionou na Faculdade de Ciências de Paris, e tem o seu nome ligado a duas famílias botânicas novas e a um número considerável de gêneros e de espécies, que foi o primeiro a descrever. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. De volta ao seu país, continuou mantendo correspondência com numerosos amigos que aqui deixou, vinculados todos a entidades culturais, como, entre outros, o Visconde de São Leopoldo. Aliás, a propósito de sua correspondência com o então Secretário do Instituto Histórico, conhece-se a carta que lhe escreveu em 7 de novembro de 1839 recomendando um jovem médico polonês refugiado na França e que desejava muito vir para o Brasil, o que, de fato, aconteceu pouco depois. Chamava-se Czerniewitz e mal chegando ao Brasil naturalizou-se e adaptou seu nome à grafia e ao sabor de nossa língua, passando a assinar Pedro Luís Napoleão Chernoviz, nome que se tornou, em certa época, um dos mais conhecidos no país, devido ao seu manual de medicina popular, divulgadíssimo no Brasil todo, alcançando várias edições e encontrado até no mais remoto sertão.

Saint-Hilaire esteve no Brasil de 1816 a 1822, percorrendo-o do Distrito Diamantino e das terras goianas até o extremo sul. Retornou à França em agosto de 1822, duas semanas apenas antes de nossa Independência. Por pouco, pois, teria presenciado o acontecimento magno de nossa história. Ao contrário de todos os outros viajantes, sempre afoitos em publicar os relatos de suas viagens mal chegavam aos seus países, Saint-Hilaire demorou quase dez anos para empreender a publicação de sua obra. O que fez ao chegar à França, isto sim, foi apresentar um relatório à Academia das Ciências contendo um "aperçu" de suas viagens, resumo este publicado em 1823 no tomo IX das "Mémoires du Museum d'Histoire Naturelle" e tirado, em separata, no mesmo ano. Mas a publicação sistemática de sua obra ele só a empreendeu a partir de 1830, tarefa em que gastou mais de vinte anos e não a terminou, pois a última parte de seu relato, a Viagem ao Rio Grande do Sul ficou inédita e só foi publicada trinta e quatro anos após o seu falecimento. Durante os vinte anos que gastou na elaboração e publicação de suas "Viagens", o grande sábio não só fez amadurecer seus apontamentos, como teve oportunidade de conhecer praticamente tudo o que se publicou sobre o Brasil nesse entretanto. Eis por que seus relatos têm um embasamento bibliográfico que não se encontra em nenhum outro viajante. E eis por que, também, sua obra se tornou de consulta obrigatória para quem quiser conhecer o Brasil daquela época já bem recuada em que o ilustre botânico o visitou. Enfileiram-se os nove volumes de suas andanças pelo Brasil entre as maiores obras da literatura de viagens de todos os tempos. Soube compreender o Brasil como ninguém, razão pela qual seu nome é sempre invocado quando se trata de evocar coisas de outrora. Pode ser, inclusive, e já o tem sido feito com justa razão incluído entre os grandes vultos de nossa historiografia, pois as síntese-

ses históricas que traçou ao iniciar cada uma das diversas partes de suas viagens inserem-se entre as melhores páginas de nossas letras históricas. Eis por que Max Fleiuss, na galeria de retratos dos grandes historiadores do Brasil com que abre suas “Apostilas de História do Brasil”, coloca-o ao lado de Southey e de von Martius. E eis por que Rubens Borba de Moraes — que não é homem de elogio fácil — chega a afirmar na excelente síntese biográfica que esboçou para a sua tradução da “Viagem à Província de São Paulo”, que o resumo de história paulista traçado por Saint-Hilaire é dos melhores que possuímos. E é ainda o mesmo tradutor quem afirma: “Saint-Hilaire tinha no mais alto grau a rara qualidade num viajante: procura explicar com simpatia o que parece esquisito e inexplicável à primeira vista. Para isso não se esquece da grande mestra, a história, e antes de descrever uma província, conta a sua história.” “Nada escapa ao escrupuloso viajante — diz ainda o tradutor da “Viagem à Província de São Paulo.” Quando cita um algarismo que colheu *in loco*, não se esquece de retificá-lo com dados mais modernos hauridos no último relatório que recebera. Sobre os outros viajantes apressados, leva a vantagem de conhecer a língua do país e não se enganar na grafia dos nomes próprios, cuja origem tupi não esquece de anotar, citando autores. E para rematar a citação: “O que é mais de admirar, talvez, em Saint-Hilaire, é a compreensão e a simpatia pela gente que vivia espalhada por essas terras quase desertas do Brasil de então.”

Dotado de extraordinário espírito de observação, de fato, nada lhe escapava. Tinha interesse especial pelos problemas relacionados com o uso da terra e com a agricultura em geral, mas não desprezava os variadíssimos aspectos humanos (religiosos, culturais, sociais) com que deparava nas suas viagens, da mesma forma que são modelares as descrições das cidades que visitava. Eis por que seus livros são verdadeiros tratados gerais, se não do Brasil todo, pelo menos das regiões que percorreu.

Ao estudar a história paulista, no excelente resumo que precede seu relato e que foi tão valorizado por Rubens Borba de Moraes, impressionou-se com o movimento bandeirante, para o qual só encontraria explicação se os paulistas pertencessem a uma raça de gigantes. Eis o texto, verdadeiramente antológico, onde se insere a expressão que tanto nos enche de orgulho:

“O interior do Brasil não foi sempre cortado por estradas e semeado de habitações hospitaleiras. Tempo houve em que não havia nenhuma cabana no mesmo, nenhum vestígio de cultura, só havendo as feras que lhe disputavam o domínio. Os paulistas palmilharam-no em todos os sentidos. Esses audaciosos aventureiros, como se verá mais para diante, pormenorizadamente, penetraram por diversas vezes até o Paraguai; descobriram a província do Piauí, as minas de Sabará e de Paracatu; entraram nas vastas solidões de Cuiabá e Goiás, percorreram a província do Rio Grande do Sul; chegaram, em o norte do Brasil,

até o Maranhão e o rio Amazonas; e, tendo transposto a cordilheira do Peru atacaram os espanhóis no centro de suas possessões. Quando se sabe, por experiência própria, quantas fadigas, privações, perigos ainda hoje aguardam o viandante que se aventura nessas longínquas regiões e se toma conhecimento do itinerário das intermináveis excursões dos antigos paulistas, sente-se uma espécie de assombro, tem-se a impressão de que esses homens pertenciam a uma raça de gigantes.”

Os relatos de suas viagens, Saint-Hilaire publicou-os, como já foi dito, a partir de 1830. Nesse ano apareceu a primeira parte — **Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes** — em dois volumes (Paris, Grimbert et Dorez); seguiram-se: 1833, a segunda parte — **Voyage dans le District des diamants e sur le littoral du Brésil** — também em dois volumes; o relato desta viagem vinha acompanhado, conforme explicitava o título, “des notes sur quelques plantes caracteristiques et d’un précis de l’histoire des revolutions de l’Empire du Brésil, depuis le commencement du règne de Jean VI jusqu’à l’abdication de D. Pedro” (Paris, Gide); a terceira parte — **Voyage aux sources du Rio S. Francisco e dans la Province de Goyaz** — , também em dois volumes, é de 1847/48 (Paris, Arthus Bertrand), e finalmente, em 1851, a última parte, igualmente em dois volumes, contendo a **Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et Sainte-Catherine** (Paris, Arthus Bertrand).

Além destes relatos de viagem, deixou mais de quinze obras botânicas, entre elas a **Flora Brasiliae Meridionalis**, que publicou entre 1824 e 1834 e para a qual contou com a colaboração de Jussieu e Cambessedes; e a **Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay**, cujo capítulo introdutório, extenso de 66 páginas, encerra um “Esquisse des voyages de l’auteur, considérés principalement sous le rapport de la botanique”. Deste “esquisse”, que nunca foi traduzido, existe uma edição avulsa publicada em 1946 pela revista norte-americana “Chronica Botanica”, porém no texto original francês.

Ficou inédita, como também já foi dito, a última parte de sua obra, a **Voyage à Rio Grande do Sul**, só publicada em 1887 (Orléans, H. Herluison), num só tomo, aliás bem mais volumoso que os demais, mas que destoa de todos os outros pela frequente deturpação dos nomes portugueses e indígenas, o que é deveras estranho, quando se sabe que o autor conhecia muito bem a nossa língua e demonstrou sempre muito cuidado com os termos indígenas, como o provam os relatos que ele próprio publicou. Isto faz crer — a conjectura é de Afonso de Taunay — que o botânico tivesse letra muito ruim e o responsável pela edição postuma — um certo R. de Dreuzy, de cujo relacionamento com Saint-Hilaire nada sabemos — não conhecendo o português, não tivesse condições para a necessária revisão.

Esse volume sobre o Rio Grande do Sul, dedicado por R. de Dreuzy ao Conde d’Eu, contém também o relato da viagem pela Província Cisplatina, na época pertencente ao Brasil e que o autor visitou, retornado ao Rio Grande para percorrer a Campanha e a Região das Missões, vindo, depois, para Porto

Alegre. A esse volume, que na realidade devera chamar-se “Viagem ao Rio Grande do Sul e Província Cisplatina” (para melhor explicitação do título) foi acrescentado o relato de uma segunda viagem a Minas Gerais e a São Paulo, realizada por Saint-Hilaire depois de retornar ao Rio de Janeiro, e que constituem os seis últimos capítulos (23 a 28) do volume, trazendo o seguinte título: “*Livre du voyage que j'ai entrepri de faire de Rio de Janeiro a Villa Rica et de Villa Rica a S. Paul, pour aller chercher les 20 caisses que j'ai laissées dans cette dernière ville*”. Consta, ainda, deste volume um retrato de Saint-Hilaire e um mapa indicando o itinerário das cinco viagens por ele empreendidas no interior do Brasil pelo grande sábio.

Saint-Hilaire esteve, de fato, duas vezes em São Paulo. A primeira, em 1818, quando veio de Goiás e tomou a direção do sul do país. Ao partir, deixou na capital paulista numerosas caixas de amostras botânicas, na intenção de apanhá-las quando retornasse. Todavia, do Rio Grande do Sul achou mais conveniente voltar diretamente ao Rio de Janeiro por via marítima, donde a necessidade de empreender outra viagem a São Paulo a fim de buscar suas caixas. Partindo do Rio de Janeiro em fins de janeiro, retornou em princípio de maio de 1822. Na ida, passou pelo sul de Minas e, descendo a Mantiqueira, chegou ao vale do Paraíba, pelo qual veio a São Paulo. Não foi até Ouro Preto, como o título do relato indica. Na volta, repetiu o itinerário até Guaratinguetá, e depois Areias, Bananal, São João Marcos, Itaguaí e Santa Cruz, já nos arredores do Rio de Janeiro. Afonso de Taunay, considerando o interesse desses capítulos relativos à segunda viagem a São Paulo constantes do volume sobre o Rio Grande do Sul, deu-lhes individualidade, traduzindo-os e fazendo-os publicar em 1932, como um dos primeiros volumes da então recém-criada coleção “*Brasiliana*”, da Companhia Editora Nacional. Daí ter dito, de certa feita, que a “*Brasiliana*”, ao editar a obra de Saint-Hilaire, começou...pelo fim.

É uma pena que não se tenha feito tradução dos relatos de viagem de Saint-Hilaire atendendo-se sempre ao plano da edição original francesa. Isto só se fez com a primeira e a terceira partes, nas magníficas traduções de Clado Ribeiro de Lessa. Nas outras duas partes, a obra foi sendo fragmentada, com traduções parciais relativas aos estados interessados: Paraná, Santa Catarina, Espírito Santo, São Paulo.

A primeira edição de Saint-Hilaire em português apareceu em 1922, um pequeno volume intitulado **São Paulo nos tempos coloniais**, traduzido por Leopoldo Pereira e editado por Monteiro Lobato. Continha o resumo da história de São Paulo e apenas a parte descritiva das cidades paulistas visitadas pelo viajante, extraídas da ***Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et Sainte-Catherine***. Quase todo o resumo histórico, chamado pelo tradutor de **Sinopse**, correspondendo às primeiras setenta e duas páginas da edição original, fora publicado, em capítulos, em três números (73, 74 e 75, correspondentes a janeiro, fevereiro e

março de 1922) da preciosa **Revista do Brasil**, fundada e dirigida por Monteiro Lobato, e uma nota da redação apresentava a seguinte justificativa: “Tão citada quanto pouco conhecida, a obra do sábio francês é uma preciosidade, que passamos a vulgarizar, certos de que os leitores a acolherão com júbilo”. Mas a vulgarização na revista, como dissemos, interrompeu-se mesmo sem concluir a introdução histórica. Entendeu a editora — aliás mui acertadamente — tirar a obra em livro em vez de publicá-la parceladamente em capítulos, o que demandaria pelo menos um ano.

Leopoldo Pereira era um conhecido professor e humanista de Belo Horizonte, a quem se devem excelentes traduções de textos clássicos, como, entre outros, a “Eneida”, de Virgílio, e as “Metamorfoses”, de Ovídio. Num prefácio datado da capital mineira, de 1921, o tradutor justificava seu trabalho e reconhecia que, de fato, teria sido mais interessante traduzir a obra toda, mas não tendo condições de o fazer, limitava-se a colher o que lhe parecia mais atraente e instrutivo, dedicando-o “aos habitantes do vizinho Estado”. Informava, ainda, que deixava de traduzir a parte referente à então Comarca de Curitiba, para que constasse do livro somente o que interessasse a São Paulo. E rematava seu prefácio com estas palavras: “Verão por ele os paulistas, comparando com o estado atual de sua civilização o de um século atrás, quanto andaram nesse período de sua história e com quanta razão podem orgulhar-se de seus esforços”.

Com todas as suas deficiências, o pequeno volume de 1922, traduzido pelo escritor mineiro e editado por Monteiro Lobato, foi, por muitos anos, o único texto de Saint-Hilaire disponível em livro, em nossa língua. Foi por ele, bem o podemos dizer, que quase todos nós nos iniciamos na obra do grande viajante, pois suas edições originais já na época eram raríssimas, ao alcance, pois, de uns poucos privilegiados. A tradução completa da parte relativa a São Paulo só apareceria em 1940, na já citada tradução de Rubens Borba de Moraes, como volume segundo da preciosa “Biblioteca Histórica Brasileira”, da Livraria Martins Editora. Foi uma pena que Rubens Borba de Moraes houvesse detido sua tradução em Itararé, deixando de lado o Paraná, que, na época de Saint-Hilaire, fazia parte de São Paulo. Nem caberia a alegação de que a parte relativa ao Paraná já havia sido traduzida, pois se tratava de volume de circulação restrita e já bastante raro na época em que Rubens Borba de Moraes empreendeu sua tradução.

Pouco depois do pequeno volume editado por Monteiro Lobato, Adroaldo Mesquita da Costa, escritor e político riograndense que foi Ministro da Justiça no governo Dutra, traduziu a “Viagem ao Rio Grande do Sul”, que publicou em capítulos na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul” entre 1922 e 1926. Não tenho notícias se, desta tradução, chegou a ser feita separata, pois a conheço apenas nas páginas da revista. Esta mesma “Viagem ao Rio Grande do Sul” mereceu nova tradução, por Leonam de Azeredo Pena, publicada

em 1935, pela antiga Editora Ariel, do Rio de Janeiro, numa edição comemorativa do centenário da Revolução Farroupilha. É significativo que a obra de Saint-Hilaire tenha sido escolhida para essa finalidade específica de assinalar o centenário de episódio tão caro aos riograndenses.

Em sua tradução, Leonam de Azeredo Penna omitiu os oito capítulos (VI a XIII) referentes à antiga Província Cisplatina e que correspondem a cerca de 150 páginas da edição original. Constituem, assim, estes oito capítulos a única porção dos relatos de viagem de Saint-Hilaire ainda não traduzidos em nossa língua. Seria de muito interesse se alguma editora (e aqui fica a sugestão) promovesse a tradução deles e os publicasse em volume, completando-se, desta maneira, a obra do grande viajante em língua portuguesa. Se hoje as paragens uruguaias constituem outro país, na época de Saint-Hilaire pertenciam ao Brasil e ao nosso país permaneceram unidas até quase o fim do Primeiro Reinado.

Pouco antes desta edição “farroupilha”, em 1931, David Carneiro, de Curitiba, publicava a tradução da parte relativa ao Paraná, numa edição modesta, de feia apresentação e tiragem limitada, tornando-se, por isto mesmo, bastante rara. Dela foi feita, em 1938, nova tiragem com idêntica paginação, mas com indicação de outra editora e o título modificado. Enquanto a primeira intitulava-se **Viagem no interior do Brasil: quarta parte, relativa ao atual Estado do Paraná**, a segunda simplificou o título para **Viagem na Comarca de Curitiba em 1820**, que é como se denominavam, na época, as terras paranaenses. Deve-se mencionar, a título de informação bibliográfica, o aparecimento em 1937 de pequeno volume impresso pelas oficinas do “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro, contendo a tradução pelo historiador fluminense José Mattoso Maia Forte dos capítulos relativos ao Rio de Janeiro das partes primeira e terceira da edição original de Saint-Hilaire. Volume, ao que parece, também de circulação restrita e que se tornou tão raro quanto os de David Carneiro sobre o Paraná. Todos esses volumes avulsos de Saint-Hilaire só nos lembramos de os ter visto em livrarias apenas uma vez, que foi quando os adquirimos, há bem mais de trinta anos.

À coleção “Brasíliana”, feliz iniciativa de Fernando de Azevedo e atualmente dirigida por Américo Jacobina Lacomte, e que iniciou suas publicações em fins de 1931, coube editar todos relatos de viagens de Saint-Hilaire (com a já mencionada exceção da “Viagem à Província de São Paulo”), pois mesmo a “Viagem ao Rio Grande do Sul”, publicada originalmente pela Editora Ariel, no centenário farroupilha, acabou sendo reeditada na importante coleção da Companhia Editora Nacional. O último volume a ser publicado data de 1964 e contém uma nova tradução da “Viagem à Comarca de Curitiba”. Contribuíram para a divulgação de Saint-Hilaire em português os seguintes tradutores: Afonso de Taunay (Segunda viagem a São Paulo), Carlos da Costa Pereira (Viagens a Santa

Catarina e ao Paraná), Carlos Madeira (parte sobre o Espírito Santo), Clado Ribeiro de Lessa (as partes primeira e terceira da edição original), Leonam de Azeredo Pena (A Viagem ao Distrito dos Diamantes e o volume sobre o Rio Grande do Sul) e, fora da coleção “Brasiliiana”, Leopoldo Pereira, Adroaldo Mesquita da Costa, David Carneiro, José Matoso Maia Forte e Rubens Borba de Moraes, já citados.

Todos os volumes da “Brasiliiana” – e os anteriores mais ainda – são hoje raridades bibliográficas, pois a Companhia Editora Nacional nunca se interessou em reeditá-los. Por muitos anos ficou Saint-Hilaire ausente das livrarias, até que a Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo, decidiu-se a reeditá-los, às vezes utilizando as mesmas traduções da “Brasiliiana”, no mais das vezes recorrendo a outras traduções. São nove volumes de excelente apresentação que integram a coleção “Reconquista do Brasil”, todos eles trazendo apresentação de Mário Guimarães Ferri, botânico eminente, antigo reitor da Universidade de São Paulo e atualmente diretor da Editora da mesma Universidade. Por estas novas edições são responsáveis os tradutores Leonam de Azeredo Pena (que já figurava na “Brasiliiana”), Milton Amado, Vivaldi Moreira e Regina Regis Junqueira.

Assim, dispomos novamente de Saint-Hilaire. Leiam-no os que quiserem conhecer o Brasil, pois, por incrível que pareça, muitas de suas páginas são ainda atuais. E faz um bem extraordinário verificar como o grande viajante soube sentir nossa terra e nossa gente. A ocorrência de seu bicentenário é, por isto mesmo, uma efeméride bem brasileira, comemorada por todas as grandes entidades culturais do país.

BIBLIOGRAFIA DOS RELATOS DE VIAGEM DE SAINT-HILAIRE

1. Edições originais

- 1823 – *Aperçu d'un voyage dans l'intérieur du Brésil, la Province Cisplatine et les Missions dites du Paraguay*. Paris, A. Belin, 1823. 73 págs. (Separata do tomo IX, 5º ano, das “Mémoires du Museum d'Histoire Naturelle)
Notice sommaire des voyages de M. Aug. de St. Hilaire dans le Brésil.
“Nouvelles Annales des Voyages”, XVII.
- 1824 – *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay; comprenant leur description et des dissertations sur leurs rapports, leurs usages, etc.* Paris, A. Belin, 1824. LXVI + 340 págs. (Apesar de trazer a indicação “Tome premier”, foi o único publicado).

Nota: O capítulo introdutório a esta obra (págs. 1 a 66) intitula-se “Esquisse des voyages de l’auteur, considérés principalement sous le rapport de la botanique”; dele fez-se uma publicação avulsa na revista norte-americana “Chronica Botanica” (vol. 10, nº 1, 1946, Waltham, Mass.), com ensaio introdutório de Anna E. Jenkins, 61 págs.

- 1830 – Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. Paris, Grimbert et Dorez, 1830. 2 vols. (“Voyages dans l’intérieur du Brésil”, première partie)
- 1833 – Voyage dans le district des diamants et sur le littoral du Brésil, suivi de notes sur quelques plantes caractéristiques et d’un précis de l’histoire des révolutions de l’Empire du Brésil, depuis le commencement du règne, de Jean VI jusqu’à l’abdication de D. Pedro. Paris, Gide, 1833. 2 vols. (“Voyages dans l’intérieur du Brésil”, seconde partie).
- 1842 – Les sources du Rio de S. Francisco (fragment). Paris, Arthus Bertrand, 1842. 16 págs.
- 1847/8 – Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz. Paris, Arthus Bertrand. 1847/8. 2 vols. (“Voyages dans l’intérieur du Brésil”, troisième partie).
- 1850 – Voyage dans l’intérieur du Brésil. Bruxelles, Delavigne et Callewaert, 1850. 2 vols. (O segundo volume foi editado por Méline, Cans et Cie., Bruxelles).
- 1851 – Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine. Paris, Arthus Bertrand. 1851. 2 vols. (“Voyages dans l’intérieur du Brésil”, quatrième partie).
- 1851 – Tableau général de la Province de Saint-Paul. Paris, Arthus Bertrand, 1851. (Extrato do volume anterior)
- 1887 – Voyage à Rio Grande do Sul (Brésil). Orléans, H. Herluison, 1887. 645. (Contém retrato de Saint-Hilaire, um mapa de suas viagens e dedicatória ao Conde d’Eu pelo responsável pela edição, R. de Dreuzy).

2. Edições em português

- 1922 – São Paulo nos tempos coloniais. Trad. de Leopoldo Pereira. São Paulo Monteiro Lobato & Cia., 1922. 234 págs.

(Trata-se de uma tradução abreviada, contendo apenas a “sinopse histórica” e a parte descritiva das cidades paulistas visitadas pelo autor).

1922/26 — Viagem ao Rio Grande do Sul. Trad. de Adroaldo Mesquita da Costa. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, nos 5, 8, 13/14, 17/18 e 21/22. Porto Alegre, 1922/1926. (Contém apenas a tradução dos cinco primeiros capítulos).

1931 — Viagem no interior do Brasil: quarta parte, relativa ao atual Estado do Paraná. Trad. de David A. da Silva Carneiro. Curitiba, J. B. Groff, 1931. 256 págs.

1932 — Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a São Paulo. Trad. de Affonso de E. Taunay. São Paulo, Editora Nacional, 1932. 242 págs. (Coleção “Brasíliana”, vol. 5).

Nota: Trata-se de tradução dos capítulos 23 a 28 da “Voyage à Rio Grande do Sul”.

1935 — Viagem ao Rio Grande do Sul. Trad. de Leonam de Azeredo Penna. Rio de Janeiro, Ariel, 1935. 295 págs. Edição comemorativa do centenário da Revolução Farroupilha.

1936 — Viagem à Província de Santa Catarina. Trad. de Carlos da Costa Pereira. São Paulo, Editora Nacional, 1936. 252 págs. (Coleção “Brasíliana”, vol. 58).

1936 — Segunda viagem ao interior do Brasil: Espírito Santo. Trad. de Carlos Madeira. São Paulo, Editora Nacional, 1936. 246 págs. (Coleção “Brasíliana”, vol. 72).

1937 — Viagens pela Província do Rio de Janeiro, 1816 e 1819. Trad. e comentários de José Mattoso Maia Forte. Rio de Janeiro, Tip. do “Jornal do Comércio”, 1937. 128 págs. (Trata-se de uma tradução das partes referentes ao Rio de Janeiro dos volumes constantes das partes primeira e terceira da edição original).

1938 — Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e de Minas Geraes. Trad. de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo, Editora Nacional, 1938. 2 vols. (Coleção “Brasíliana”, vols. 126 e 126-A)

- 1938 — Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a São Paulo. Trad. de Affonso de E. Taunay. Segunda edição. São Paulo, Editora Nacional, 1938. 222 págs. (Coleção “Brasíliana”, vol. 5).
- 1938 — Viagem na Comarca de Curitiba em 1820. Trad. de David A. da Silva Carneiro. Curitiba, Amigos dos Livros e das Belas Artes, 1938. 256 págs.
- 1939 — Viagem ao Rio Grande do Sul. Trad. de Leonam de Azeredo Penna. Segunda edição. São Paulo, Editora Nacional, 1939. 404 págs. (Coleção “Brasíliana”, vol. 167)
- 1940 — Viagem à Província de São Paulo, e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai. Trad. de Rubens Borba de Moraes. São Paulo, Martins, 1940. 376 págs. (“Biblioteca Histórica Brasileira”, vol. 2)
- 1941 — Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil; com um resumo histórico das revoluções do Brasil, da chegada de D. João VI à abdicação de D. Pedro. Trad. de Leonam de Azeredo Penna. São Paulo, Editora Nacional, 1941. 452 págs. (Coleção “Brasíliana”, vol. 210).
- Nota:** deste volume, o tradutor excluiu os capítulos referentes ao Espírito Santo, sob a alegação de que eles já haviam sido traduzidos e publicados em outro volume da mesma editora — Ver: “Segunda viagem ao interior do Brasil: Espírito Santo”, trad. de Carlos Madeira, 196, volume 72 da col. “Brasíliana”.
- 1944 — Viagem às nascentes do rio São Francisco e pela Província de Goiás. Trad. de Clado Ribeiro de Lessa. Segunda edição. São Paulo, Editora Nacional, 1944. 2 vols. (Coleção “Brasíliana”, vols. 68 e 78).
- 1945 — Viagem à Província de São Paulo, e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai. Trad. de Rubens Borba de Moraes. Segunda edição. São Paulo, Martins, 1945. (Biblioteca Histórica Brasileira, vol. 2)
- 1953 — Segunda viagem a São Paulo e Quadro histórico da Província de São Paulo. Trad. de Affonso de E. Taunay. São Paulo, Martins/Comissão do Quarto Centenário da cidade de São Paulo, 1953. 223 págs. (“Biblioteca Histórica Paulista”, vol. 6).
- 1964 — Viagem à Comarca de Curitiba, 1820. Trad. de Carlos da Costa Pereira. São Paulo, Editora Nacional, 1964. 190 págs. (Coleção “Brasíliana”, vol. 315).

- 1972 – Viagem à Província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai. Trad. de Rubens Borba de Moraes; notas introdutórias de Mário Guimarães Ferri e José de Barros Martins. São Paulo, Martins/Editora da Universidade de São Paulo, 1972 (em comemoração ao sesquicentenário da Independência do Brasil). XX + 358 págs. (“Biblioteca Histórica Brasileira”)
- 1974 – Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil; com um resumo histórico das revoluções do Brasil, da chegada de D. João VI à abdicação de D. Pedro. Trad. de Leonam de Azeredo Penna; pref. de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da Univ. de São Paulo, 1974. 234 págs. (Coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 5)
- 1974 – Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce. Trad. de Milton Amado; pref. Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1974. 122 págs. (Coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 6)
- 1974 – Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo. Trad. revista e pref. de Vivaldi Moreira; apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1974. 126 págs. (Coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 11)
- 1974 – Viagem ao Rio Grande do Sul. Trad. de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1974. 216 págs. Pref. de Mário Guimarães Ferri. (Coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 10)
- 1975 – Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Trad. de Vivaldi Moreira; apres. de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975. 378 págs. (Coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 4)
- 1975 – Viagem às nascentes do rio São Francisco. Trad. de Regina Regis Junqueira; apres. de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1975. 190 págs. (Coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 7)
- 1975 – Viagem à Província de Goiás. Trad. de Regina Regis Junqueira; apres. de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora

da Universidade de São Paulo, 1975. 158 págs. (Coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 8).

1976 — Viagem à Província de São Paulo. Trad. de Regina Regis Junqueira; pref. de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976. 230 págs. (Coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 18).

1976 — Segunda viagem a São Paulo e Quadro histórico da Província de São Paulo. Trad. e intr. de Affonso de E. Taunay. São Paulo, Martins, 1976. 255 págs. (Biblioteca Histórica Paulista, vol. 6)

Nota: Trata-se de segunda tiragem da edição publicada em 1953 em convênio com a Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

1978 — Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina. Trad. de Regina Regis Junqueira; pref. de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1978. 210 págs. (Coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 9).

1979 — Auguste de Saint-Hilaire em Porto Alegre, 1820–21. Participação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre às comemorações do bicentenário do nascimento de Saint-Hilaire promovidas pela Associação Riograndense de Imprensa. Porto Alegre, Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal, 1979, 90 págs.

(Contém os capítulos sobre Porto Alegre da “Viagem ao Rio Grande do Sul”, na trad. de Leonam de Azeredo Pena, e os seguintes anexos: “Como Saint-Hilaire viu Porto Alegre às vésperas da Independência do Brasil”, discurso de Francisco Riopardense de Macedo na Câmara Municipal de Porto Alegre; dados biográficos de Saint-Hilaire; o relatório da Academia de França sobre as viagens de Saint-Hilaire, na trad. de Rubens Borba de Moraes; e três clichês: a página de rosto da edição original da “Voyage à Rio Grande do Sul”, o retrato do autor constante do mesmo volume e o decreto de concessão a Saint-Hilaire e a Martius da mercê de Cavaleiros da Ordem Imperial do Cruzeiro, em 2 de outubro de 1840).

*

OTONIEL MOTA — talento multiforme (*)

Júlio Andrade Ferreira

Já ouvimos falar de Otoniel Mota. Neste ano de seu centenário a Academia Campinense, por sugestão de seu presidente, programou duas pales-

* Conferência proferida na Academia Campinense de Letras em 1978, em comemoração do centenário de Otoniel Mota.